a perspectiva Vygotskiana: primeiros apontamentos. In: MORI, N.N.R. Educação Especial: olhares e práticas – Londrina: ed. UEL, 2000, p. 79-93.

MOREIRA, M. A.. Teoria de aprendizagem cognitivismo - humanismo comportamentalismo. São Paulo: Ed. EPU, 2011.

NETTO, O. L. C. e BISSACO, A. Desenvolvimento de Ambiente Virtual para Auxiliar a Memorização de Rotinas Diárias em Crianças com Síndrome de Down. V Latin American Congress on Biomedical Engineering CLAIB 2011.Anais. Habana, Cuba p. 69 -72, May 16-21, 2011.

PIMENTEL, Susana Couto: Conviver com a Síndrome de Down em escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos, 2007 – Acesso em 15 jun. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10562.

PUESCHEL,Siegfried. (Org.) Síndrome de Down: guia para pais e educadores. 5. ed. Campinas: Papirus, 1993.

SCHWARTZMAN, José Salomão. Síndrome de Down. 2.ed. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2003. 324 p.

A PRÁTICA DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL I: CONTEXTO HISTÓRICO E A BUSCA PELA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

ELIZETE CHAVES BENTO

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresentada pretende contribuir para que os professores reflitam sobre sua prática pedagógica, entendendo o papel da escola e relacionando-o ao contexto social dos seus alunos. Ampliar o conhecimento dos professores sobre as diversas tendências educativas, bem como suas transformações em sala de aula. Importante para que os educadores façam uma leitura do contexto no qual estão inseridos e uma revisão das interações, possibilitando que eles entendam os vários aspectos que estão relacionados ao processo de ensino-aprendizagem e o ato de ensinar, podendo dessa forma repensar o seu trabalho, rever suas práticas, se apropriar de procedimentos e referenciais. Conhecer as tendências pedagógicas e refletir que sujeitos desejam formar qualificando o ensino e melhorando a aprendizagem permitindo a formação de indivíduos que possam interagir com as informações que estão ao seu redor.

Dessa maneira é através de pesquisa documental que se pretende responder à seguinte questão: como a prática pedagógica do professor do Ensino Fundamental I pode desencadear uma aprendizagem significativa.

No primeiro capítulo a busca se encerra em descrever aos leitores um relato histórico sobre as tendências pedagógicas, suas concepções e sua formação ideal de homem. São abordadas as tendências; Tradicional, Renovada, Tecnicista, Libertadora, Crítico- Social dos Conteúdos. Dentro do escopo geral do trabalho, o primeiro capítulo tem a incumbência de revelar aos leitores, como vem sendo transformadas as práticas pedagógicas em sala de aula, bem como, a colaboração e o avanço das pesquisas acerca das metodologias de ensino, buscando garantir neste percurso o esclarecimento da relação intrínseca entre sua prática e o objetivo final de seu trabalho enquanto professor.

O segundo capítulo tem como finalidade uma reflexão sobre em que consistem as condições ideais de aprendizagem, sobre o que o professor deve fazer concretamente para facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, tornando a aprendizagem significativa.

No terceiro capítulo utilizamos as formulações teóricas, de Vygotsky, quanto a mediação bem como elementos essenciais para entender essa formulação (instrumentos e signos), fazemos uma reflexão sobre a contribuição da metodologia dialética dentro da prática pedagógica do professor, apontando seus fatores benéficos para a construção de um trabalho condizente às necessidades dos educandos.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA AO LONGO DA HISTÓRIA

O ensino surgiu devido ao desenvolvimento da sociedade, da produção e das ciências, como uma atividade intencional, visando a instrução do indivíduo para o desenvolvimento da sociedade. Desde muito tempo existem sinais de formas de instrução, por exemplo, na Antiguidade Clássica (gregos e romanos) desenvolviam formas de ação pedagógica em mosteiros, igrejas e universidades.

As mudanças nestas formas foram ocorrendo quando a escola passa a se tornar uma instituição, o processo de ensino passa a ser sistematizado. Os adultos começam a intervir na atividade de aprendizagem, estabelecendo uma intenção pedagógica na atividade de ensino, enquanto isso também acontecia grandes mudanças nas formas de produção, na ciência e na cultura. Dessa maneira, Libâneo (1994, p. 59) afirma que:

> "(...) ia crescendo também a necessidade de um ensino ligado às exigências do mundo da produção e dos negócios e, ao mesmo tempo, um ensino que completasse o livre desenvolvimento das capacidades e interesses individuais".

No decorrer da história da educação e do desenvolvimento das práticas pedagógicas, vários pesquisadores influenciaram com suas ideias as ações dos educadores, criando princípios e métodos de ensino que atendiam às necessidades daquela determinada época.

Nos últimos anos diversos estudos foram dedicados à história da Didática no Brasil e suas relações com as tendências pedagógicas, assim os autores classificaram essas tendências em dois grupos: as de cunho liberal – Pedagogia Tradicional, Pedagogia Renovada e tecnicismo educacional; e as de cunho progressista – Pedagogia Libertadora e Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos.

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE CUNHO LIBERAL

Nesse grupo encontramos as teorias que segundo teóricos entendem a educação como um instrumento de equalização social, com a finalidade de integrar seus membros na sociedade, reforçar os laços sociais, promover a união, garantindo a integração de todos os indivíduos.

- Pedagogia Tradicional

O entendimento de Libâneo (1994) acerca dessa corrente caracteriza a educação a partir da influência de agentes externos na formação do aluno. Dessa maneira a "aprendizagem" acontece através da transmissão do conhecimento, das grandes verdades acumuladas pela humanidade, o processo de ensinar é centrado no professor que expõe e interpreta as informações.

O principal meio utilizado pelo professor para ensinar é a palavra, este supõe que ouvindo e fazendo exercícios repetitivos, os alunos "gravem" a informação para depois reproduzi-la, seja através de perguntas realizadas pelo professor ou por meio de avaliações. Para que o aluno consiga memorizar o que foi exposto pelo professor é importante que ele "preste atenção", sendo ele um sujeito passivo que recebe o conhecimento de maneira pronta e sua tarefa é apenas de decorá-lo.

O objetivo desta Pedagogia é formar os alunos ideais, desligados da realidade que o cercam, e o ensino é trabalhado desvinculado dos interesses dos alunos e dos problemas reais da sociedade.

- Pedagogia Renovada

A Pedagogia Renovada surge no final do século XIX, agrupando correntes que se opõem à Pedagogia Tradicional. O movimento de renovação da educação, como afirma Libâneo (1994, p.62), se preocupou com a ideia de que:

> "A escola não é uma preparação para a vida, é a própria vida (...)".

Nesta corrente se valoriza o aluno como um

sujeito dotado de liberdade, iniciativa e interesses próprios, sujeito da sua aprendizagem e agente do seu próprio desenvolvimento. São respeitadas suas capacidades e aptidões individuais, tendo a individualização do ensino segundo os ritmos próprios de aprendizagem.

O papel do professor é de colocar o aluno em condições favoráveis à realização do processo de ensino-aprendizagem, partindo das suas necessidades e estimulando os seus interesses, para que ele possa buscar por si mesmo conhecimentos e experiências. Segundo Libâneo (1994, p. 65):

> "Trata-se de colocar o aluno em situações em que seja mobilizada a sua atividade global e que se manifesta em atividade intelectual, atividade de criação, de expressão verbal, escrita, plástica ou outro tipo. O centro da atividade escolar não é o professor nem a matéria, é o aluno ativo e investigador. O professor incentiva, orienta, organiza as situações de aprendizagem, adequando-as às capacidades de características individuais dos alunos".

- Pedagogia Tecnicista

Da escola renovada não se pôde esperar o que se desejava, pois esta resultou em frustrações nas esperanças que depositaram na reforma da escola. Dessa maneira surgiram tentativas de desenvolver uma espécie de "Escola Nova Popular", focando agora a preocupação dos métodos pedagógicos na eficiência instrumental, articulando–se uma nova teoria educacional, surge assim, a pedagogia tecnicista.

Essa pedagogia desenvolveu-se no Brasil na década de 50, a sombra do progressismo, e ganhou autonomia nos anos 60, para se constituir especificamente como tendência. Esta reestruturou o processo educativo, tornando-o objetivo e operacional, sendo imposta às escolas pelos organismos oficiais, por ser compatível com a economia, à política e ideologia do regime militar.

Na pedagogia tecnicista o elemento principal passou a ser a organização racional dos meios, do fazer. O professor e aluno passam a ocupar posição secundária, de executores de um processo, sendo que esse processo é planejado por especialistas. Nesta corrente é o processo que define o que os professores e os alunos devem fazer, quando e como farão.

O objetivo dessa pedagogia é formar indivíduos eficientes, capazes de contribuírem em uma parcela para o aumento da produtividade. Para que isso aconteça a didática que o professor trabalhava estava voltada para a racionalização do ensino, no uso de meios e técnicas mais eficazes e boa parte dos livros didáticos que eram usados nas escolas, eram elaborados com base na tecnologia da instrução.

Mas esta ideia acabou gerando um caos no campo educativo, causando descontinuidade, heterogeneidade e fragmentação do trabalho pedagógico.

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DE CUNHO PROGRESSISTA

Nesse segundo grupo, estão as teorias que entendem a educação como um instrumento de discriminação social. Estas teorias concebem a sociedade marcada pela divisão de classes, que se relacionam à base da força, de condições de produção da vida material. As tendências de cunho progressista estavam interessadas em propostas voltadas para os interesses da maioria da população, que foram adquiridos com maior solidez por volta dos anos 80.

Na tentativa de se formular propostas e desenvolver estudos no sentido de se tornar possível uma escola que atendesse aos interesses concretos do povo, destacam-se a Pedagogia Libertadora e a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos.

- Pedagogia Libertadora

Nesta concepção o papel do professor é de orientar a aprendizagem dos alunos e a atividade escolar é centrada na discussão de temas sociais e políticos. Libâneo (1994, p. 69) coloca que:

> "(...) poder-se-ia falar de um ensino centrado na realidade social, em que professor e alunos analisam problemas e realidades do meio socioeconômico e cultural, da comunidade local, com seus recursos e necessidades, tendo em vista a ação coletiva frente a esses problemas e realidades".

O trabalho escolar é realizado através do processo de participação ativa nas discussões e nas práticas sobre as questões da realidade social imediata. Nestas discussões, os relatos de experiências vividas pelos alunos, as pesquisas, os trabalhos em grupo, fazem com que surjam temas geradores que podem ser sistematizados para a consolidação do conhecimento. Dessa maneira, na visão desta concepção, o professor é entendido como um coordenador das atividades que se organizam através da ação em parceria com os alunos.

- Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos

Esta segunda corrente se inspirou no materialismo histórico dialético e se constituiu como movimento pedagógico voltado para a educação popular, para a valorização da escola pública e para o trabalho do professor com a preocupação de um ensino de qualidade para o povo.

Para a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos, deveria haver uma difusão dos conhecimentos a todos, para que houvesse participação efetiva do povo nas lutas sociais. Libâneo (1994, p. 70) afirma que esta corrente:

> "Não considera suficiente colocar como conteúdo escolar à problemática social cotidiana, pois somente com o domínio dos conhecimentos, habilidades e capacidades mentais podem os alunos organizar, interpretar e reelaborar as suas experiências de vida em função dos interesses de classe".

É dada grande importância ao processo de ensino, entendendo as ações de ensinar e aprender como uma unidade desse processo, mas cada uma possuindo seus pontos específicos. A preocupação desta pedagogia é com a direção do processo de ensinar, este deve ter em vista finalidades sócio-políticas e pedagógicas, promovendo a autoatividade dos alunos e a aprendizagem. Libâneo (1994, p. 70) ainda completa que o ensino desta tendência tem:

> "(...) a tarefa de proporcionar aos alunos o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades intelectuais, mediante a transmissão e assimilação ativa dos conteúdos escolares articulando, no mesmo processo, a aquisição de noções sistematizadas e as qualidades individuais dos alunos que lhe possibilitam a autoatividade e a busca independente e criativa das noções".

Para o ensino e para instrução é atribuído o papel de proporcionar aos alunos o conhecimento dos conteúdos científicos, dos métodos de estudo, habilidades e hábitos de raciocínio científico, para que eles formem uma consciência crítica diante das realidades sociais e capacitando-os a assumirem a condição de agentes ativos de transformação perante as lutas sociais.

Partindo dos pontos levantados e considerando que a sala de aula é um dos espaços em que o aluno vai aprender a elaborar e expressar melhor suas ideias e a ressignificar suas concepções, é essencial que o professor pense em suas práticas pedagógicas, a partir do contexto social que ele e seus alunos estão inseridos, que tipo de sujeito ele deseja formar, para a partir destes pontos o professor pensar e organizar suas ações, uma metodologia mais viável, para que atinja os objetivos estabelecidos em relação à formação de seus alunos.

Diante das constatações e reflexões trazidas no primeiro capítulo apontamos para a seguinte conclusão, com efeito, as tendências pedagógicas de cunho progressista se aliadas geram um constructo educativo capaz de abarcar as questões mais relevantes diante da realidade social de grande parte dos nossos alunos.

Após nossas constatações, levantamos os seguintes aspectos como fundamentais:

- A ênfase nas discussões em grupo a respeito das questões sociais;
- As pesquisas feitas pelos alunos geram temas, que por sua proximidade real facilitam a sistematização de novos saberes e com o desenvolvimento de um raciocínio lógico, é preciso que se evidencie neste processo, para os alunos, que é nesta experiência que de fato surge e se consolida o conhecimento.

CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR PARA TORNAR SIGNIFICATIVA A APRENDIZAGEM DE SEUS ALUNOS

Como já foi esclarecido anteriormente, para que um conteúdo seja significativo ele deve se relacionar ou estar associado com alguma coisa já conhecida, que tenha sentido para o aprendiz.

O autor Kuethe (1978, p. 86) afirma que:

> "Quanto maior for o número de associações que um dado conteúdo suscitar, mais significativo será (...)".

Sendo assim, como o professor pode tornar a aprendizagem de seus alunos significativa, desencadeando, consequentemente, um ensino de qualidade?

Em primeiro lugar é importante que o professor tenha em mente que sua tarefa é fazer com que o conteúdo a ser trabalhado seja significativo

para o aluno e que este não deve ser trabalhado em partes isoladas, pois o aluno não irá conseguir recordar o que aprendeu em um passado distante, afinal o conteúdo foi insignificante para ele naquela ocasião, e não irá perceber como o que aprendeu poderá ser conduzido para o passo seguinte. Dessa maneira o ideal é que o professor apresente o plano geral do conteúdo para depois passar às partes específicas.

É fundamental que o educador conheça, domine o assunto que irá trabalhar e as capacidades de seus alunos, podendo assim realizar um trabalho que seja compreensível para eles.

Para que o conteúdo não deixe os alunos "entediados" com repetições, o ideal é que o professor saiba o que estes já aprenderam e quais são os seus interesses. Outra maneira de se trabalhar o conteúdo é através da descoberta, pois permite que os mesmos testem diferentes hipóteses, mas mesmo deixando os alunos livres para experimentarem suas tentativas, é fundamental a presença do educador orientando e direcionando o trabalho deles. Kuethe (1978, p. 89) completa que:

> "(...) se alguma coisa a ser aprendida é significativa em função do que já foi aprendido, o aluno assimilará com facilidade o novo conteúdo".

Quando o aluno adquiriu uma estrutura intelectual poderá aprender conteúdos compatíveis rapidamente, assim, uma das principais tarefas do professor é de tornar o conteúdo significativo para o aluno, possibilitando que este relacione o novo com o já aprendido, dessa maneira, para que isto aconteça é essencial uma metodologia, uma ação educativa que crie essas condições.

O professor tem objetivos a alcançar com sua prática educativa e sendo eles quais forem, as metas não serão alcançadas se não houver algum método ou processo que permita que os alunos caminhem em direção a estas. A palavra método quer dizer o caminho para se chegar a um determinado lugar; ou seja, método é o caminho para se alcançar os objetivos estipulados pelo planejamento de ensino.

É importante que o professor tenha clareza que sua prática educativa deve considerar a realidade de seu aluno, de relacioná-lo ao contexto social, permitindo que desde cedo ele participe da construção de seu próprio conhecimento, contribuindo assim para que ele se desenvolva gradativamente à medida que reconhece a utilidade em se conhecer determinados conhecimentos, com base em suas próprias necessidades; sua função deve ser de mediador da aprendizagem, criando situações e condições ótimas para que seus alunos produzam uma interação construtiva como objeto de conhecimento.

MEDIAÇÃO E DIALÉTICA

Aqui damos início à discussão que é a Mediação, na qual buscaremos traçar a importância do entendimento deste conceito diante da construção de um trabalho significativo aos alunos e ao professor.

Para iniciarmos nossas reflexões trazemos a definição de mediação encontrada no dicionário Michaelis (online):

> "me.di.a.ção
> sf (lat mediatione) 1 Ato ou efeito de mediar. 2 Intercessão. 3 Astr Instante de culminação de um astro. 4 A divisão de cada versículo de um salmo em duas partes, que é marcada com inflexão da voz, quando o ofício é cantado. 5 Dir Contrato especial pelo qual uma pessoa, mediante remuneração, se incumbe de empregar o seu trabalho ou diligência para obter que duas ou mais pessoas, interessadas num determinado negócio, se aproximem com o fim de o realizar. 6 Dir Interferência de uma ou mais potências, junto de outras dissidentes, com o objetivo de dirimir pacificamente a questão ocorrente, propondo, encaminhando, regularizando ou concluindo quaisquer negociações nesse sentido."

Desta definição podemos destacar os seguintes pontos, a começar pela de número 2: Intercessão, necessariamente implica em uma ação (encontrada também no que se refere ao sentido de mediar, ficar entre dois pontos); do quinto ponto destacamos o trabalho de conjunção entre pessoas buscando sua aproximação e a realização de algo; do sexto ponto destacamos que esta interferência pode se dar em uma ou mais potências e suas possibilidades de propor, encaminhar e concluir objetivos.

Transpondo esses aspectos evidenciados para o campo da educação, podemos dizer que, essa intercessão implicativa de uma ação, nos aponta a ideia de que o trabalho do professor jamais está livre de intenções, já que é uma de suas funções, planejar atividades, ações como meio para se atingir uma meta.

Já o trabalho de conjunção entre pessoas

buscando obter a realização de um fim, mais ligado ao trabalho do advogado, frente a um acordo entre partes, pode-se transpor para a necessidade de o professor trazer ao ambiente educativo uma harmonia, não no sentido de homogeneizar as buscas pessoais, ou mesmo o entendimento de um determinado tema, mas no sentido de apontar as diferenças existentes como ponto de partida para uma vivência mais crítica, para que todos cresçam observando que a diversidade nos possibilita o levantamento de inúmeros aspectos de uma determinada temática.

Quanto as possibilidades de propor, encaminhar e concluir objetivos refere-se também ao trabalho realizado anterior à sua entrada em sala, já que é imprescindível ao professor a sensibilidade de construir um trabalho no qual possa se pautar em diferentes formas para se atingir um mesmo resultado, já que é sabido que o conhecimento não se dá em nenhuma igualdade, seja ela de ritmo ou de tempo, portanto, se faz necessário uma compreensão íntima da realidade vivida naquela comunidade, pois criar diferentes acessos não garante a excelência do ensino.

Podemos ver que o conceito de mediação antes mesmo de adentrar em suas considerações de cunho estritamente educativo, possibilita a nós estudantes, professores e leigos, um clareamento de sua complexa relação quanto ao que se refere às contribuições de todo corpo teórico do qual faz parte.

Adentrando no campo educativo, podemos nos utilizar da definição, mais geral, de Mediação exposta por Kohl (2001, p. 26):

> "Mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento."

Podemos dizer então que esse processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, pode se referir tanto ao material (concreto, no sentido de palpável) trazido ou formulado pelo professor para facilitar a compreensão de um determinado tema (exemplo: o livro) quanto à fala do professor em aula, que pode suscitar algum tipo de representação mental geradora de um elo a mais entre o seu aluno e o conhecimento. Diante disto então a relação antes direta passa a ser mediada.

Para nos ajudar a compreender traremos trecho citado por Kohl (2001), no qual escreve brilhantemente sobre uma das pesquisas de Vygotsky:

> "Vygotsky trabalha, então, com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, uma relação mediada. As funções psicológicas superiores apresentam uma estrutura tal que entre o homem e o mundo real existem mediadores, ferramentas auxiliares da atividade humana. Vygotsky distinguiu dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos..." (p. 27)

Para o trabalho do professor podemos observar que o instrumento, pode-se compreender, sendo um elemento que "reside" entre o aluno e o conhecimento, se faz importante salientar que este instrumento, podemos usar o lápis como exemplo, existe para um objetivo, que no caso seria escrever, ou seja, ele representa a função para a qual foi criado, sendo uma conexão entre o indivíduo e o mundo.

Segundo Kohl (2001, p. 30):

> "São inúmeras as formas de utilizar signos como instrumentos que auxiliam no desempenho de atividades psicológicas. Fazer uma lista de compras por escrito, utilizar um mapa para encontrar determinado local, fazer um diagrama para orientar a construção de um objeto, dar um nó no lenço para não esquecer um compromisso são apenas exemplos de como constantemente recorremos à medição de vários tipos de signos para melhorar as nossas possibilidades de armazenamento de informações e de controle da ação psicológica. "

Os signos são chamados por Vygotsky de instrumentos psicológicos, pois auxiliam no controle das ações psicológicas, e não concretas, ou seja, o signo é uma marca externa ao indivíduo que regulamenta processos internos na complementação de tarefas que exigem memória ou atenção.

Juntamente com seus colaboradores Vygotsky fez diversos experimentos, com relação a percepção e a ação motora, na qual foi detectada grande modificação na reação dos indivíduos pesquisados, com a mediação de signos:

> "Numa primeira fase do experimento havia um conjunto de figuras e a cada figura correspondia uma tecla de um teclado. Quando uma figura era mostrada à criança, a tecla correspondente deveria ser pressionada. As crianças tinham dificuldade de decidir rapidamente que tecla apertar vacilando em seus movimentos, indo e vindo entre as várias teclas, até escolher a que devia ser pressionada. Numa segunda fase do experimento os pesquisadores introduziram marcas identificadoras nas teclas que auxiliavam a sua cor-

> respondência com as figuras. A introdução dessas marcas modificou radicalmente o desempenho das crianças. Em vez de vacilarem entre as teclas, fazendo movimentos desordenados, as crianças passaram a focalizar sua atenção nas marcas, e selecionar a tela apropriada a partir da relação estabelecida entre a figura mostrada e o signo que a representava." (Kohl 2001, p. 31)

Diante das constatações apontadas nesta pesquisa podemos dizer que, a utilização de signos e instrumentos facilitam a compreensão e a formulação de conhecimentos, fica evidente então que no planejamento de seu trabalho o professor deve se valer do uso dessas ferramentas.

Dessa forma, a partir dos aspectos apresentadas no presente trabalho, consideramos como fundamental que o professor preocupado com sua prática, faça uso das contribuições da metodologia dialética para assim construir uma aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode mais admitir a concepção de que o professor é um transmissor de conhecimento e o aluno é um mero agente passivo. Essa ideia não se encaixa com a sociedade atual em que vivemos em que há receptores que devem ser sujeitos sociais que interagem com as mídias e com as outras informações e conhecimentos de seu cotidiano.

Dessa maneira, as escolas devem se preocupar com a formação que irão dar a seus alunos, possibilitando que eles se transformem em sujeitos participativos, reflexivos, críticos, podendo analisar as diferenças que estão ao seu redor. O educador deve ter consciência reflexiva sobre o que faz e por que faz, contando com referências que possam guiar fundamentar suas ações, possibilitando que haja uma reforma no ensino. Ele deve estar sempre se questionando, procurando transformar sua prática educativa numa ação de qualidade.

Para maiores esclarecimentos sobre este tema, foram pesquisados alguns autores que deram embasamentos teóricos sobre o assunto.

LIBÂNEO (1994), afirma que a escolha metodológica é responsabilidade do professor. O autor considera que a escola é uma das peças fundamentais na formação dos indivíduos, é responsável em integrar o sujeito na sociedade, em desenvolver suas capacidades, assim é grande a responsabilidade dos educadores, cabendo-lhes a escolha sobre qual concepção de vida deve ser trazida para a sala de aula e quais métodos e conteúdos devem ser trabalhados, os que valorizam e memorização ou os que proporcionam o domínio dos conhecimentos e a capacidade de reflexão, crítica e criatividade.

O estudioso ressalta que é importante que os educadores façam uma leitura do contexto no qual estão inseridos para escolherem que prática pedagógica e desenvolvê-la em sala de aula.

VASCONCELOS (1994) acredita que o educador deve romper com a metodologia tradicional. Em sua obra traz aspectos da metodologia dialética, mostrando para o leitor o tipo de formação que ela proporcionará.

Ele explica que na metodologia tradicional, o professor é considerado um transmissor, pois passa para o aluno, através da verbalização o conteúdo, e o aluno recebe como um mero agente passivo. O autor afirma que neste tipo de metodologia, a atividade que os alunos desenvolvem é mecânica, desprovida de sentido para eles, pois a realidade deles não é trabalhada, dessa maneira, o grande problema do educador utilizar essa prática educativa, é o alto risco do aluno não aprender devido ao baixo nível de interação entre sujeito – objeto de conhecimento – realidade, contribuindo para a formação de um indivíduo passivo e não crítico. Ele ressalta que o único trabalho do aluno é memorizar para depois repetir quando for solicitado.

Na Metodologia Dialética, segundo o autor, a concepção de aluno que se tem é de um ser ativo e de relações, ressaltando que o conhecimento deve ser construído pelo sujeito a partir de suas relações com os outros e com o mundo.

O professor é entendido como um mediador, ele irá acompanhar o aluno na relação sujeito – objeto de conhecimento – realidade, ele irá criar situações para que os alunos sintam a necessidade de pensar, de refletir e reelaborar, construindo dessa forma o seu próprio conhecimento. Vasconcelos (1994) ressalta que o que o aluno traz de conhecimento não deve ser ignorado, pois o novo vai ser construído a partir do já existente. Ao fazer o aluno pensar, o professor fornecerá a sua autonomia, preparando-o para atuar de forma criativa, crítica e reflexiva.

Vygotsky foi outro autor pesquisado, pois a sua contribuição em relação ao aprendizado e desenvolvimento do sujeito é de grande importância para o tema proposto.

KOHL (2001), em seus estudos afirma que Vygotsky defende que o homem se transforma de ser